

"O Brasil é o único país que pode se impor aos credores", diz Lula

por Marcos Magalhães
de Brasília

De volta de uma viagem que o levou a manter contato com três dos mais inquietos líderes da América Latina — Fidel Castro, de Cuba, Daniel Ortega, da Nicarágua, e Alan García, do Peru —, o deputado Luís Ignácio Lula da Silva (PT-SP) assume a postura de candidato à Presidência da República e afirma: "O Brasil deveria suspender os pagamentos da dívida externa e coordenar um movimento político dos países do Terceiro Mundo em defesa de suas economias". Ao invés de manter a posição de exportadores líquidos de capital, defende Lula, os devedores investiriam em seus próprios países os recursos antes drenados para os cofres dos bancos credores.

"Pude perceber, lá fora, o quanto o Brasil é importante", avalia o deputado, que, além de Cuba, Nicarágua e Peru, também visitou o Chile e agora planeja um giro por oito países da Europa, para o final deste mês, e uma visita aos Estados Unidos, União Soviética e China, para abril. "Em toda a América Latina existe muita expectativa sobre cada passo do Brasil, que se converteu no único país, por seu maior desenvolvimento industrial, científico, tecnológico e cultural, capaz de impor uma dinâmica aos credores dificilmente imaginável para as outras nações sozinhas", acredita.

Lula citou o presidente do Peru, Alan García, com quem conversou por duas horas, como alguém que se desapontou com a timidez da postura brasileira em relação ao problema da dívida externa. "Ele acreditava que o Brasil teria uma posição mais dura", revela o deputado. Do erro de cálculo de García pode ter resultado parte dos problemas que ele hoje enfrenta junto à comunidade financeira internacional, depois de resolver destinar ao pagamento da dívida externa de seu país apenas 10% das receitas provenientes de exportações.

Segundo Lula, esta é uma situação que se deve evitar. "Não podemos admitir que um país lute sozinho e outro tente tirar proveito desta briga, como se fosse um motorista de táxi louco para que o colega entre em greve, só para lhe tomar o passageiro", compara. Aplicando sobre a política internacional um conceito que aprendeu ainda como líder sindical, em São Bernardo do Campo, o deputado receita: "Para enfrentar o poder econômico, é preciso que todos estejam unidos".

Na opinião de Lula, o Brasil deveria, por ser o maior país do continente, tomar a iniciativa de decretar a moratória. "Precisamos tomar uma posição política dura, suspendendo por tempo indeterminado o pagamento da dívida e aplicando o dinheiro no desenvolvimento agrícola e



Luís Ignácio Lula da Silva

industrial, na educação e na saúde", defende. A bandeira, agitada com entusiasmo de candidato, já havia sido levantada antes pelo PT. Mas a oferta, ao eleitorado, de uma postura radical em relação à dívida ganhou contornos mais nítidos após esta viagem.

Nos cinco dias que permaneceu em Havana, Lula conversou durante mais de quinze horas com Fidel Castro, o mais antigo defensor do não-pagamento da dívida externa. Na casa protocolar, onde ficou hospedado, ele recebeu a visita de Fidel todas as noites. Embalados por seguidas doses de "mojito" — bebida feita à base de rum e hortelã —, os dois conversaram madrugadas adentro sobre a revolução cubana, lembranças de Che Guevara e perspectivas para o Brasil. "Acho que Fidel sonha com um governo progressista no Brasil", conta o deputado.

Lula voltou ao Brasil impressionado com a realidade que constatou nas ruas de Havana. "Pode haver quem discorde do governo cubano por ele ser comunista ou não promover eleições, mas todos terão de concordar em que Cuba é o único país do continente onde a fome não existe mais", testemunha. Como candidato, ele tenta esquivar-se da comparação entre o que viu na ilha e o que pretende implantar no Brasil, mas deixa escapar o entusiasmo com as conquistas sociais do País de Fidel. "Se pudéssemos oferecer ao povo brasileiro serviços de educação e saúde como os de Cuba, já estaríamos fazendo algo de revolucionário", imagina.

O deputado, contudo, evita falar do lançamento de sua candidatura. Ele alega estar mais preocupado, no momento, com as suas programadas viagens internacionais. Visivelmente mais disposto a pensar no futuro do que a se debruçar no presente, Lula limita-se a vaticinar um fim melancólico para o plano governamental de combate à inflação. "O Plano Verão está fadado a falir, como o Plano Cruzado", comparou. Olhando o Brasil de fora, o deputado disse constatar que se trata de um país grande e viável. "O que precisamos é mudar o governo", afirma Lula. "Para um outro, sonha o candidato, que seja comprometido com as classes trabalhadoras".